Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ano XVI, no.1. p. 129-133.
DOI: http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2024v16n1.p.129

Da terra seca à cerâmica popular: barro que brota vida no Vale do Jequitinhonha

From dry land to popular ceramics: clay that springs life in the Jequitinhonha Valley

De la terre ferme à la céramique populaire: l'argile qui donne vie dans la vallée de Jequitinhonha

Comentário crítico da exposição: *"Jequitinhonha: Origem e gesto"*[*]

Luísa Nascimento Nogueira Campos Fróes[**]

Entrada da exposição "Origem e gesto", Palácio das Artes.

Entre agosto e outubro de 2023, aconteceu no Palácio das Artes da capital mineira, Belo Horizonte, a exposição *Jequitinhonha: "Origem e Gesto"*. Na contramão dos objetos fabricados em larga escala (modo industrial), que usam e abusam das tecnologias e das produções em série, o barro é a matéria-prima da produção do Vale. É da mistura do pó (terra refinada várias vezes) com a água, que a produção das bonecas e artefatos do Vale do Jequitinhonha começam. Essas peças celebram a tradição, a ancestralidade e também a singularidade do povo artesão da região.

[*] Palácio das Artes, Belo Horizonte – Minas Gerais, 04/08/2023 a 08/10/2023.

[**] Psicóloga, Psicanalista. Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Pesquisadora e doutoranda pela UVA.
E-mail: luisapsinogueira@gmail.com
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0005-5563-3264

Urna funerária marajoara.

É característica do fazer manual, artesanato, ser fluido e mutável como o ser humano. E parece ter sido esse o ponto de partida dessa expografia, que se baseia na terra, no barro e na argila. Basicamente, a manipulação do barro, deu à humanidade a possibilidade de sobrevivência e nutrição. Peças de cerâmica foram encontradas em todos os continentes, possivelmente em virtude da abundância da matéria-prima e a facilidade em moldar a argila. Nas Américas, foram encontradas urnas funerárias moldadas do barro que, ao longo da experiência humana amerígena, abrigou a vida e também a morte dos povos originários.

A cerâmica na América do Sul tem estreita relação com os utensílios domésticos e rituais. Para o antropólogo Lévi-Strauss (1985), a olaria, juntamente com a tecelagem, é uma das maiores artes da civilização. A olaria estaria presente em todas as casas, das humildes às aristocráticas, ao ponto de os antigos egípcios dizerem "meu pote" por "meu bem". Para Strauss, os mitos em torno da olaria tratam de uma disputa, visto que foi preciso um combate para que a humanidade pudesse ter acesso à argila. Sobre o mito da olaria, Strauss nos conta que,

> Qualquer que seja seu nome – Mãe Terra, Avó da argila, Senhora da argila e dos potes, etc.--, a padroeira da cerâmica é uma benfeitora, já que os homens lhe devem, dependendo da versão, a preciosa matéria-prima, as técnicas cerâmicas ou a arte de decorar potes (LEVI-STRAUSS, 1985, p.36).

Logo na entrada da galeria, foi possível contemplar o barranco com a boneca feita do mesmo material (foto 1). Essa rememoração conta-nos sobre o processo de manipular a terra seca para extrair o barro, que é moldado nas mãos. Depois de seco, a peça de barro passa pelo fogo (a queima) e endurece. Por último, o processo de acabamento das peças e pintura que, são utilizadas tonalidades que também são obtidas do próprio barro, de cores diferentes, ou extraídas da natureza (verde das plantas e colorido de algumas flores).

O barro cozido vira mulher de cerâmica, noiva, mãe gestante ou lactante e pode até virar homem de terno e tudo! Pode também se transformar em flor, panelas, jarros, vasos e os mais variados utensílios de tamanhos e formatos diferenciados, que saúdam a força dos artesãos e artesãs.

Acervos da artesã Andreia Pereira e de sua avó, mestra bonequeira Izabel Mendes da Cunha.

Nessa exposição, a rica cultura popular do Vale do Jequitinhonha contou com cerca de 100 obras de artistas e artesãos variados, também com obras pertencentes a colecionadores particulares, dos acervos do Centro de Arte Popular (CAP) e do Sebrae/MG. Algumas peças foram criadas especialmente para a ocasião.

Sala de utensílios, Palácio das Artes.

Outro ponto alto dessa exposição foi trazer para o público a experiência sensorial do Vale Jequitinhonha, visto que o espaço ganhou uma ambientação inspirada no Vale. Vale de

tons terrosos, de barrancos e das casas de pau a pique, além das texturas da vegetação seca (em tempo de estiagem severa) e da paisagem da região. Quem visitou a exposição pôde ter acesso, em certa medida, ao que é viver no Vale. Uma parte da exposição foi dedicada às danças e artes visuais, como amostra dos gestos do cancioneiro popular da região.

Topônimo de origem indígena, "rio largo cheio de peixes", o Jequitinhonha é rio que corre entre o vale de pedras (chapada). De acordo com o IBGE, esse rio abrange a fronteira da sub-bacia hidrográfica do rio Jequitinhonha, do nordeste de Minas até o sudoeste da Bahia. Região de intenso fluxo migratório e povoador que durou mais de um século e que a vegetação predominante é o cerrado. No baixo Jequitinhonha, a caatinga é a vegetação predominante na porção oeste, ao leste prevalece a vegetação de mata atlântica. A porção de terra que é fértil atraiu, no início do século XIX, criadores de gado do sul da Bahia.

Paisagem em Santana do Araçuaí, Minas Gerais.

É o vaqueiro ou sertanejo, figura popular do sertão brasileiro, que cuida dos animais e cultiva a pequena extensão de terra, que também foi responsável pelo aumento populacional na região, que demandou mais da produção de subsistência. Já a região do alto Jequitinhonha é infértil para a atividade agropecuária, mas foi o foco de maior exploração de ouro e das pedras preciosas de Minas Gerais.

As histórias do Vale do Jequitinhonha são marcadas pelas lutas por sobrevivência, pelos fluxos migratórios em busca de trabalho nas grandes capitais do país, por tempos de estiagem severa e muita seca. As mulheres do Vale já foram chamadas de "viúvas da seca", porque seus maridos migram para trabalhar por um longo período do ano. Em contrapartida, essa exposição lança luz sobre a riqueza do Vale que, de fato, nunca esteve na mão dos grandes exploradores do ouro mineiro e das pedras preciosas, ou daqueles que estavam em busca de outras atividades de exploração.

A riqueza (cultural) e a ruína do Vale, sempre estiveram no barro seco (origem), que as mulheres artesãs e também homens artesãos, aprenderam a manipular com suas mãos (gesto). Para além da sobrevivência, eles a extraíram da sublimação e um saber-fazer. Nesse sentido, a cerâmica pode ser a revelação de uma escrita em barro, poética e delicada, o produto da

resiliência dessas pessoas, que conquistaram o respeito do Brasil e do mundo por causa da cerâmica jequitinhonense. Para finalizar, o autor João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas (1956),* nos diz que: "sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar" (p.25). Então assim, todos nós, temos um pouco (ou bastante) de sertão.

Referências

DALGLISH, Lalada. *Noivas da Seca:* cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha. São Paulo. Editora UNESP, 2008.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. *A Oleira Ciumenta*. Portugal: Edições 70, 1985.

MATOS, Sônia Missagia. *Artefatos de gênero na arte do barro*. Vitoria. Edufes, 2001.

Citação/Citation: Fróes, L. N. N. C. (2024). *Da terra seca à cerâmica popular: barro que brota vida no Vale do Jequitinhonha. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XVI, no. 1.)*, pp. 129-133.

Recebido em: 24/01/2024
Aprovado em: 12/04/2024